



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social – fundamentos

O PAPEL DA TECNOLOGIA NA TRANSIÇÃO DO ESCRAVISMO COLONIAL PARA O CAPITALISMO DEPENDENTE BRASILEIRO

JARDSON SILVA¹

RESUMO:

Tratamos da transição do escravismo colonial para o capitalismo dependente brasileiro com enfoque no papel da tecnologia. Estabelecemos algumas categorias teóricas importantes para, em seguida, tratar da tecnologia à brasileira. Em momento de positividade da tecnologia digital, revisitar os fundamentos da técnica e da história pode contribuir para efetuar o projeto ético-político do Serviço Social.

PALAVRAS-CHAVE: tecnologia; transição; escravismo colonial; capitalismo dependente

ABSTRACT:

Discussion of the transition from colonial slavery to dependent capitalism in Brazil, focusing on the role of technology. Some important theoretical categories are established and, after that, we discuss technology from Brazil. At a time when digital technology is becoming more well spoken, revisiting the foundations of technology and history can help to implement the ethical-political project of Social Work.

KEYWORDS: technology; transition; colonial slavery; dependent capitalism

Ao abrir o seu renomado *discurso sobre o colonialismo*, Aimé Césaire (2020, p. 11) pontua “[u]ma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que suscita seu

¹ Universidade Federal de Santa Catarina



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

funcionamento é uma civilização decadente.” O martinicano se referia a chamada civilização europeia que, em face dos fatores que decorrem da invasão colonial das américas no final do século XV, inaugurou dois problemas que foi incapaz de resolver: o problema do proletariado e o problema colonial (Césaire, 2020)². A nossa indagação no presente trabalho é a respeito da possibilidade de resolução desses dois problemas: se a civilização europeia não é capaz de resolver, como o povo que surge desse novo processo civilizatório extraeuropeu responde as contradições que se expressam na chamada América Latina e, mais particularmente, no Brasil?

De partida, concebemos que o próprio processo de expansão mercantil marítima advinda da Europa - assentada no desenvolvimento tecnológico da navegação oceânica, nas armas de fogo e no uso do ferro forjado em outros elementos - decorre da dinâmica da luta de classes que ocorreu nesse território (Ribeiro, 2021). Não há nada de idílico nesse processo, marcado pela violência e, no caso das técnicas de navegação, pela apropriação de conhecimentos produzidos pelos árabes. Extraímos desses fatos históricos para o presente ensaio, a demarcação de uma transição qualitativa no modo de produção feudal para o capitalismo que antecede a revolução industrial na realidade europeia.

A transição posterior, marcada pela industrialização na Europa, seria impossível sem a implementação de um regime escravista colonial no Brasil e outros regimes escravistas no restante do continente americano. A compreensão dos modos de produção nas Américas, apesar de ser provedora das reais condições de desenvolvimento desses países, sofreu grandes influências da leitura do mundo partindo da Europa. Isso resultou na tentativa de encontrar paralelos que deram origem a teses já superadas como a possibilidade da existência do feudalismo no Brasil. Soma-se a isso a assimilação inconsciente dos valores do nosso passado escravista por nossos intelectuais ao “[...] supervalorizar algumas áreas urbanas *modernizadas* e infundi-los como aqueles que determinaram nossos *ethos* e o ritmo de desenvolvimento de nossas instituições” (Moura, 2022, p. 25). Dessa combinação se desenvolve a *ideologia do desenvolvimento*.

Ocorre que, na realidade brasileira, tivemos muita ideologia para pouco desenvolvimento, ou seja, os ares do progresso tecnológico da revolução industrial que passam pela Europa e América do Norte chegam aqui somente enquanto lógica ideal sem o verdadeiro desenvolvimento formal. Para Prado (2021, p. 32), os dois traços específicos fundamentais da ideologia do desenvolvimento são: “[...] i) a presença do desenvolvimento como horizonte utópico; e ii) o

² Em nossa leitura, o problema colonial jamais pode ser dissociado do problema racial.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

enquadramento intelectual e política na questão motora (explícita ou implícita) de ‘como desenvolver o país?’. Vale destaque, portanto, que a falta de um verdadeiro desenvolvimento não é sinônimo da ausência de um desenvolvimento de tecnologia no país, a qual trataremos na sequência.

A despeito dessa ideologia que paira há pelo menos 70 anos, o povo brasileiro sempre buscou formas de solucionar as contradições que se expressam nesse território. Esse processo passa necessariamente pelo desenvolvimento tecnológico. Em face dessa breve contextualização e partindo do questionamento inicial acerca da resolução das contradições na América Latina, focamos no período histórico anterior ao processo industrializante do Brasil, na qual a ideologia do desenvolvimento se origina. Dessa maneira, o problema a qual nos colocamos é: qual o papel da tecnologia na transição do escravismo colonial para o capitalismo dependente?

O contexto da elaboração do presente trabalho foi realizado a partir de sínteses de uma disciplina, cuja ementa elencou o debate sobre terra, trabalho e luta de classes, no âmbito do programa de pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSS/UFSC). Nossa participação nessa disciplina se engloba em um processo mais amplo de investigação, em nível de doutorado, sobre digitalização e serviço social. Nesse sentido, na intenção de costurar um fio histórico a respeito da tecnologia, alargamos nosso escopo para tratar da tecnologia e seu papel na transição entre dois modos de produção específicos no Brasil, momento este que antecede o surgimento das tecnologias digitais.

Quanto aos procedimentos metodológicos, nos pautamos na reflexão teórica de referencial bibliográfico sobre tecnologia, luta de classes, escravismo colonial, capitalismo dependente, entre outros. Buscamos, portanto, assentar as bases teórico-categoriais para a discussão a qual nos propomos a fazer para, em seguida, tratar do que caracterizamos como *tecnologia à brasileira*. Seguindo esse raciocínio, o texto se encontra dividido em duas partes: a primeira a respeito da fundamentação das categorias teóricas que utilizamos; e, em segundo momento do trato do nosso tema propriamente dito a respeito da tecnologia à brasileira.

1 BREVES APONTAMENTOS ACERCA DE ALGUMAS CATEGORIAS TEÓRICAS

Para situarmos o papel da tecnologia no contexto que tratamos, é necessário em primeiro lugar, conceituar-lo. Dessa maneira, a nossa compreensão de tecnologia parte de uma lógica dialética, na qual a tecnologia é tudo aquilo que media as ações humanas com a natureza e outros seres humanos na busca da superação das contradições inerentes à condição de

sociabilidade humana (Vieira Pinto, 2005a). Dessa categoria, decorre diretamente uma outra categoria: trabalho.

Concebemos trabalho como as próprias ações humanas que transformam a natureza e, dialeticamente, transformam o próprio sujeito diante desse processo. Certamente que, no modo de produção capitalista, o trabalho ganha um outro sentido como atividade alienadora ao invés de atividade vital emancipadora (Antunes, 2018). Todavia, nesse caso nos referimos ao sentido do trabalho presente na obra de Engels (2006) ao contextualizar o papel do trabalho na hominização do macaco. É decorrente do próprio trabalho humano que desdobram todas as criações tecnológicas humanas como as ferramentas, a linguagem *etc.*

A tecnologia, partindo dessa compreensão, nada mais é do que o acúmulo do trabalho humano, ou seja, um desdobramento do próprio ser humano da mesma maneira de que o ser humano nada mais é do que um desdobramento da natureza. Sendo assim, quando mencionamos o papel da tecnologia, em suma, estamos tratando do papel do trabalho acumulado e condensado dos seres humanos manifestado em diversos artefatos. Ocorre que, com o desenvolvimento progressivo da tecnologia que só pode logicamente acompanhar o desenvolvimento da humanidade, se desdobram dois fenômenos: (1) formas de organização social cada vez mais sofisticadas; e (2) a ideologização da tecnologia³.

Cada forma de organização societária possui seu próprio modo de produção que se constitui na relação dialética entre as forças produtivas e as relações de produção. Uma das primeiras obras nesse sentido é "O capital" de Karl Marx (2013), que consiste em um estudo do modo de produção capitalista. Os modos de produção não são estanques ou supra históricos e disso decorre a categoria de transição dos modos de produção (daqui em diante apenas transição). Concebemos a transição do mesmo modo que Souza (2019, p. 39) ao pontuar que,

[...] a categoria transição é a representação da dialética da história, demarcada pelos processos de radicalização das contradições inerentes a cada época histórica, mas fundada pelo movimento concreto de tais contradições. Estas diante da sociedade capitalista aceleram o tempo histórico, conduzidas pelas crises inerentes ao capital.

O motor das crises de modo de produção e da sua eventual transição para outro modo de produção é a luta de classes, diante disso se pauta a ideia de que "[a] história de todas as sociedades que já existiram é a história da lutas de classes" (Marx e Engels, 2021, p. 25). Para trazer para a concretude do modo de produção capitalista, a dinâmica de classes nessa sociabilidade surge da superação das relações de produção antecedentes. "O processo que cria a

³ Sobre ideologização da tecnologia ver Vieira Pinto (2005a).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

relação capitalista não pode ser senão o processo de separação entre o trabalho e a propriedade das condições de realização de seu trabalho” (Marx, 2013, p. 786). Em outros termos, o modo de produção capitalista surge justamente da separação entre o ser humano - ou ainda determinado segmento dos seres humanos - e a tecnologia enquanto acúmulo histórico coletivo para a produção e reprodução da vida. Dessa maneira, a luta de classes trata do conflito entre diferentes agrupamentos humanos que possuem relações díspares em relação aos meios de produção.

Diante da categoria transição, é necessário retomarmos novamente a ideia do papel de tecnologia que, anteriormente, situamos como o papel do trabalho humano acumulado. Ressaltamos que, sendo a luta de classes o motor da história, a tecnologia não pode compartilhar essa mesma função (Vieira Pinto, 2005a). Dessa maneira, poderíamos afirmar que diante da transição do escravismo colonial para o capitalismo dependente brasileiro, a tecnologia não há papel nenhum sendo esse restrito à própria ação humana. O que queremos, portanto, ao destacar o papel da tecnologia é destacar os próprios resultados da ação humana diante do surgimento de novas contradições em face da transição.

Para elucidar a centralidade a qual estamos dedicando para a tecnologia, tratamos a seguir da relação entre escravismo colonial e capitalismo dependente. Em relação ao escravismo colonial, nos inspiramos nas formulações de Jacob Gorender principalmente em sua obra “O escravismo colonial”. Para Gorender (2016, p. 205) o sentido colonial da escravidão no Brasil, explicita-se em três traços principais:

[...] 1° – economia voltada principalmente para o mercado exterior, dependendo deste o estímulo originário ao crescimento das forças produtivas; 2° – troca de gêneros agropecuários e/ou matérias-primas minerais por produtos manufaturados estrangeiros, com uma forte participação de bens de consumo na pauta de importações; 3° – fraco ou nenhum controle sobre a comercialização no mercado externo.

Quanto ao capitalismo dependente, partimos da compreensão de Ruy Mauro Marini, um dos precursores da teoria marxista da dependência. Conforme Marini (2000, p. 107), a dependência é “[...] entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência”.

O que há de continuidade entre o escravismo colonial e o capitalismo dependente, segundo a conceituação dos autores supracitados, é o sentido de uma produção para fora, ou seja, desinteressada com o desenvolvimento próprio do território brasileiro. É decorrente desse fator que a ideologia do desenvolvimento enquanto horizonte utópico tem tanto respaldo na realidade brasileira. Em face de uma falta histórica do desenvolvimento, a ideologia do



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

desenvolvimento oferece - embora apenas no âmbito ideológico - aquilo o qual o Brasil sempre teve carência.

Alertamos, no entanto, que a ideologia do desenvolvimento não passa de uma das facetas da ideologização da tecnologia - uma mera forma de futurologia que busca negar qualquer possibilidade de mudança.

Percebe-se portanto que a suposta “futurologia” desses prestidigitadores da tecnologia econômica constitui na verdade uma “passadologia”. Com efeito, o que realmente querem é que o futuro seja o atual presente, este que naquela ocasião vindoura será de fato o passado (Vieira Pinto, 2005b, p. 93).

Nesse sentido, há uma necessidade de negar dialeticamente a ideologia do desenvolvimento e outras possíveis manifestações da ideologização da tecnologia, concebendo que - mesmo não sendo o motor da história - a tecnologia enquanto invenção humana cumpre um papel importante nas transformações societárias.

Diante do exposto, chegamos a um questionamento que conduz a segunda parte do presente texto. O Brasil, tanto no regime escravista colonial quanto no capitalismo dependente, se pauta nos interesses de fora e, logo responde ao desenvolvimento tecnológico advindas de contradições alheias a de seu próprio povo. Entretanto, diante dessa relação, brotam contradições que se manifestam no território brasileiro. A nossa pergunta reside nessa segunda ordem de contradições: quais são as tecnologias que o povo brasileiro desenvolve para lidar com as contradições da realidade brasileira na transição do escravismo colonial para o capitalismo dependente?

2 TECNOLOGIA À BRASILEIRA

De antemão, pode soar que a pergunta que origina no desenvolvimento da presente parte do texto é secundário ou, ainda, há pouca relevância. Partimos, portanto, da reflexão de Moura (2022, p. 108) de que,

[p]rocurar-se ver as lutas dos escravos como elemento lateral de um possível *sentido* significa não ter a capacidade de reconhecer como essas lutas, mesmo sem vencer e criar outro projeto de ordenação social, influíram na conclusão do processo.

Consideramos que, com as devidas mediações, ignorar o desenvolvimento de tecnologias pelas classes subalternas para lidar com as condições impostas recai sobre uma lógica na qual nega a própria dinâmica da luta de classes, concebendo o desenrolar da história das Américas como mero processo de incidência europeia.

Como já pontuado anteriormente, é a invasão colonial do final do século XV que dá origem ao que hoje conhecemos como América Latina. A consolidação dos países que configuram esse continente partem inicialmente de contradições que vem de fora do próprio território. Esse processo, portanto, não se dá alheio aos povos que já habitavam aqui e necessita da violência enquanto uma categoria central e constante enquanto mecanismo de dominação.

Diante desse processo, houve diferentes formas de resistência: as lutas dos povos originários; a fuga e rebeldia dos escravizados; a construção dos quilombos; a luta operária no período de industrialização; entre outras. O que destacamos nesse caso, contudo, é a continuação do sentido colonial que se mantém na condição de dependência ao ser operada a partir dos interesses de fora. Essa disputa por interesses e sentido se localiza no rol da luta de classes situado no território e, ao nosso ver, extrapola o questionamento motor da ideologia do desenvolvimento pontuado por Prado (2021), de “[...] como desenvolver o país?”. Antecedendo a direção ou ritmo do desenvolvimento, é preciso um questionamento acerca do projeto por inteiro a qual se desenvolveu e se desenvolve no território latinoamericano.

Dessa maneira, chamamos atenção para as criações originalmente brasileiras, no sentido de se desenvolver na esteira de dinâmicas e históricas que ocorrem no território brasileiro, sem negar a influência de outros lugares como, por exemplo, o continente africano ou europeu. Compreendemos que há uma segunda ordem de contradições que partem de uma busca de superar a ideia de desenvolver o país a partir dos interesses de fora e atender às próprias demandas do povo que pertence a essa localidade. É disso que decorre os desenvolvimentos tecnológicos à brasileira, as quais devem ser elucidadas para superar, no uso popular da palavra, um “vira-latismo” a qual remete ao adjetivo de tecnológico apenas aquilo que vem de fora.

As tecnologias são forjadas a partir da dinâmica da luta de classes e não o contrário. Mais do que isso, a tecnologia se desenvolve como uma mediação de resolver as contradições que se expressam no bojo da luta de classes. Como afirma Vieira Pinto (2005a), a tecnologia não é o motor da história, é a própria humanidade que concebe tanto a tecnologia quanto a história, logo esse papel só pode partir da própria ação humana. Partindo dessa compreensão, uma verdadeira reflexão e aprofundamento sobre a tecnologia não se dá a partir daqueles que se autodenominam filósofos da técnica ou tecnologia, ou até mesmo aqueles que partem do estudo do desenvolvimento tecnológico para uma compreensão histórica. Em nossa concepção, quem verdadeiramente consegue realizar um estudo da tecnologia, são aqueles que se debruçaram



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sobre o estudo das contradições que se expressam nas relações sociais humanas, ou seja, o estudo da dinâmica da luta de classes.

Partindo do pressuposto da compreensão da tecnologia acima esboçada, pontuamos que quem aponta para as tecnologias brasileiras é quem apreende as contradições que se localizam no território brasileiro. Segundo esse raciocínio, as obras na qual pode ser encontrado uma ideia de tecnologia à brasileira são aquelas que tentam apreender as contradições. Em relação ao nosso recorte - da transição do escravismo colonial ao capitalismo dependente - o papel da tecnologia se expressa justamente onde se expressa os processos de luta social do período.

Uma das primeiras barreiras que encontramos ao conceituar a tecnologia à brasileira é a ideia de que aqui nada se produz pela relação de desamor do trabalho (Kowarick, 2019). Todavia, num giro de perspectiva, “[...] é justamente no abandono do trabalho que o escravo dinamiza (por negação) o sistema e se afirma como sujeito histórico coletivo” (Moura, 2022, p. 21. Em outras palavras, vimos que na verdade a negação do trabalho da forma pela qual se apresentava ao escravizado no regime escravista colonial representa a afirmação da humanidade do escravizado e não o contrário. Nesse giro, temos que considerar o papel do trabalho escravo enquanto força motriz da sociedade brasileira e os processos de resistência a esse regime como uma busca de produção tecnológica no sentido de superação das contradições existentes.

Nessa compreensão, os quilombos podem ser caracterizados enquanto uma tecnologia à brasileira. É certo que os quilombos variam de tamanho, estrutura, número de pessoas, forma e origem e, justamente por isso, - pela resposta concreta aos desafios da humanidade encontrados em determinado contexto - que a elencamos enquanto tecnologia. Mais do que isso, o próprio desenvolvimento da força militar dos quilombos - em específico o de Palmares - revela um avanço tecnológico a qual as classes dominantes e forças imperialistas se detiveram a desmontar com muita dificuldade.

“Palmares resistiu todas as expedições punitivas de 1630 até 1695, fato que demonstra cabalmente a sua capacidade de resistência e o seu poderio militar. Foi destruída a república, mas somente depois de ter escrito a epopeia do seu exemplo: a maior resistência - social, militar, econômica e cultural - ao sistema escravista” (Moura, 2022, p. 57).

É na esteira e de forma contrária a essa resistência que as classes dominantes buscam constantemente reafirmar sua dominação no âmbito social, militar, econômico e cultural.

Já transitando para o modo de produção capitalista, a lógica da exploração capitalista do trabalho precisa “[...] criar relações sociais de produção que levem ao domínio do capital sobre o trabalhador” e, além disso, condicionar os trabalhadores, no sentido de convencê-los a se

incorporar no processo produtivo (Kowarick, 2019, p. 117). Na particularidade brasileira, diante da transição do trabalho escravo para o trabalho livre, foi necessário desenvolver diversas tecnologias para viabilizar essa dominação.

Notavelmente que a pressão pelo fim do escravismo não se deu a partir de uma dinâmica apenas em âmbito nacional, todavia, ainda havia questões a serem resolvidas pela classe dominante nacional. Um dos elementos que precisa ser levado em conta é a questão da terra, uma vez que, na transição de regime há uma necessidade de liberar a força de trabalho sem abrir mão de sua dominação. A lei de terras tem um papel fundamental em garantir que haja essa mudança da dinâmica de *terra livre com trabalho cativo* para a dinâmica de *terra cativa com o trabalho livre* (Martins, 1998). Dessa transição se desdobram duas formas de habitação que trataremos a seguir: os cortiços e as favelas.

Os cortiços, enquanto uma política de habitação e também forma de disciplinamento do trabalho cumpriu uma função de resolver uma questão a qual foi criada com os próprios mecanismos que viabilizaram a abolição brasileira operacionalizado pelo estado brasileiro. Ao tratar sobre a população livre despossuída, Kowarick (2019, p. 154) sinaliza que, “[e]m síntese: o capitalismo em formação na cidade de São Paulo utilizou o cortiço para rebaixar um item fundamental - a moradia - no custo de reprodução da força de trabalho.” Vimos assim que, embora com a crise da mão de obra escrava impulsionada por diversos fatores, desde a violência até a proibição do tráfico negreiro, a reprodução da força de trabalho continua sendo uma questão para as classes dominantes.

Houve também outras maneiras pela qual a reprodução da força de trabalho acabou ocorrendo a despeito da contribuição estatal - a não ser pela expulsão de outros territórios - como, por exemplo, na autoconstrução das favelas. Tratamos de autoconstrução porque em sua maioria as favelas foram construídas e sustentadas sem o auxílio formal do estado brasileiro, embora ainda haja um papel na reprodução social que serve a esse próprio estado. Não cabe aqui endeusar ou satanizar a tecnologia, mas compreender que as favelas também configuram uma tecnologia à brasileira.

Ainda sobre as favelas, destacamos um elemento curioso expresso na visita turística com escassa interação com o povo que habita ou construiu-as. Nos apropriando da obra de Álvaro Vieira Pinto (2005), essa é mais uma forma de ideologização da tecnologia, na qual os sujeitos maravilham-se com a obra a despeito da própria humanidade que concebeu aquela obra. Assim como a favela enquanto tecnologia é herança da distribuição das terras no período



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

escravista colonial, o não reconhecimento dos dotes tecnológicos, ou ainda, da humanidade de seus construtores, também é fruto de uma ideologia escravista que data dessa mesma época.

Nesses marcos, um desafio que nos é colocado em tempos de positivação das tecnologias digitais e sua forte ideologização, é a retomada do debate dos fundamentos da tecnologia. Se a tecnologia resulta do trabalho humano acumulado, é necessário que para além do artefato tecnológico como mera ferramenta, reconheçamos a dimensão histórica e social que a conduziu para a sua elaboração. Nesse sentido, o estudo da tecnologia e suas relações com o serviço social não deve acontecer nos marcos da adesão ou não das novas formas tecnológicas, mas na relação que tem com as contradições do povo brasileiro e as suas possibilidades de respondê-las alinhado com o projeto ético-político profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, partimos do processo de colonização como inaugurador de dois problemas: o problema do proletariado e o problema colonial (esse necessariamente vinculado à questão étnico-racial) (Césaire, 2020). Partindo desse pressuposto, focamos os nossos esforços na reflexão teórica acerca da transição do modo de produção escravista colonial para o capitalismo dependente com destaque para o papel da tecnologia. Para tanto, problematizamos, de modo geral, a ideologização da técnica (Vieira Pinto, 2005) e, em particular, a ideologia do desenvolvimento (Prado, 2021) expresso na realidade brasileira.

Em seguida apontamos para a compreensão de algumas categorias teóricas centrais que utilizamos: tecnologia; transição dos modos de produção; escravismo colonial; e capitalismo dependente. Além disso, ainda introduzimos outras categorias que desdobram a partir das citadas diretamente acima, como trabalho e modos de produção e luta de classes. Em síntese, a abordagem dessas categorias nos conduziu a conceituação da tecnologia como trabalho humano acumulado que não é o motor da história, logo não tem papel central na transição dos modos de produção, mas que se desenvolve a partir da busca de superação das contradições nas relações humanas. Esse entendimento, vinculado com nosso objetivo inicial, nos levou a tratar na próxima parte do texto sobre o que chamamos de tecnologia à brasileira.

Compreendemos a tecnologia à brasileira como aquilo que foi desenvolvido pelas ações humanas no território que convenhamos chamar de Brasil na solução das contradições que se expressam nesse espaço. Apontamos um *continuum* entre o modo de produção escravista colonial e capitalista dependente de uma forte pressão para que o desenvolvimento brasileiro



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

aconteça a partir dos interesses de fora. Dessa maneira, tratamos dos quilombos e favelas como tecnologias à brasileira e apontamos, ainda que superficialmente, para suas funções na sociedade brasileira dentro de determinados contextos na qual se originaram. Ainda nesse tema, apontamos para uma necessidade de retomar o debate dos fundamentos da tecnologia e da técnica diante de um momento em qual há uma forte ideologização da tecnologia em torno das tecnologias digitais.

Salientamos que o presente trabalho buscou, ao tratar do papel da tecnologia, colocar os fundamentos para compreensão da tecnologia na realidade brasileira sem pretensão de esgotar o tema. Fizemos o exercício de apontar para algumas tecnologia e compreender que as mesmas podem ser encontradas nas obras daqueles que buscam apreender as contradições da sociedade brasileira. Dessa maneira, para outros trabalhos apontamos que pode ser proveitoso o estudo de outras obras que captam essas contradições.

Nessa mesma direção gostaríamos de destacar o papel da linguagem enquanto uma tecnologia. Nesse sentido indicamos o estudo da obra de González (2020) sobre o pretuguês e as ricas reflexões sobre as dinâmicas culturais brasileiras. Da mesma maneira, consideramos que o método de alfabetização de Paulo Freire (1967) também é interessante de ser estudado sobre a ótica que aqui apontamos. Todavia, ressaltamos a impossibilidade de incluir essas reflexões com a devida atenção que acreditamos que merecem sem, portanto, tirar a potência de uma análise que as incorporam no processo reflexivo.

Concluimos, portanto, apontando a importância da compreensão dos fundamentos da tecnologia ao pautar os desafios da formação profissional em serviço social no contexto brasileiro. Mais do que isso, há uma necessidade de elaboração de novas tecnologias que ultrapassem a visão dos futurólogos que servem a classe dominante e tem a visão restrita dentro do modo de produção capitalista dependente. Finalizamos da mesma forma que iniciamos, parafraseando Césaire (2020): em face de tempos de crise multifacetada do capital, se “[u]ma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que suscita seu funcionamento é uma civilização decadente”, estamos em tempos que a superação da decadência se impõe como necessidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Santa Catarina: Letras contemporâneas, 2020



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ENGELS, Friedrich. O PAPEL DO TRABALHO NA TRANSFORMAÇÃO DO MACACO EM HOMEM (1876). **Revista Trabalho Necessário**, v. 4 n. 4, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2020.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem**: a origem do trabalho livre no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2019.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da dependência**: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 105 – 167.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

MARX, K. Cap. XXIV – A assim chamada acumulação primitiva. In: **O Capital - crítica da economia política: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 785-834.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo; Editora Dandara, 2022.

PRADO, Fernando Correa. **A ideologia do desenvolvimento e a controvérsia da dependência no Brasil contemporâneo**. Marília: Lutas anticapital, 2020.

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e a civilização**: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos. São Paulo: Global Editora, 2021.

SOUZA, Cristiane Luíza Sabino de. **TERRA, TRABALHO E RACISMO**: veias abertas de uma análise histórico-estrutural no Brasil. 2019. 265 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia [volume I]**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia [volume II]**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005b.